



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Tourinho Zagury, Emmanuel; Teixeira da Rocha, Eveny; Miranda Maciel, Josiane
Fronteiras entre Análise do Comportamento e Fisiologia: Skinner e a Temática dos Eventos Privados
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 425-434
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813311>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Fronteiras entre Análise do Comportamento e Fisiologia: Skinner e a Temática dos Eventos Privados

Emmanuel Zagury Tourinho^{1 2}

Eveny da Rocha Teixeira

Josiane Miranda Maciel

Universidade Federal do Pará

Resumo

O presente estudo examinou referências de B. F. Skinner à fisiologia em textos sobre eventos privados com o intuito de identificar elementos para uma demarcação mais precisa das relações entre análise do comportamento e fisiologia. As referências de Skinner naquela direção foram categorizadas em seis temas: a) variáveis biológicas como constitutivas do fenômeno comportamental privado; b) autonomia do recorte analítico-comportamental diante dos fatos fisiológicos; c) limites de controle do comportamento por eventos internos/fisiológicos; d) comportamento privado do organismo como um todo; e) distinção entre contato privilegiado e conhecimento privilegiado; e f) abordagem analítico-comportamental em situação de análise aplicada do comportamento. As proposições correspondentes descritas são apontadas como originais na definição do campo de uma ciência do comportamento e coerentemente a demarcação das fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia enquanto disciplinas complementares.

Palavras-chave: Behaviorismo radical; análise do comportamento; fisiologia; eventos privados.

Boundaries Between Behavior Analysis and Physiology: Skinner and the Issue of Private Events

Abstract

This study examines B. F. Skinner's references to physiology in publications dealing with private events with the aim of identifying elements for a clearer definition of the relations between behavior analysis and physiology. Skinner's references in that direction were analyzed with reference to six thematic categories: a) biological variables as constitutive, albeit not exclusive, of the private behavioral phenomena; b) the autonomous nature of the behavioral-analytical approach in relation to physiological facts; c) limits of behavior control by internal/physiological events; d) private behavior of the organism as a whole; e) a distinction between privileged access and privileged knowledge; f) behavior analysis as an analytical approach in applied behavior analysis. Skinner's propositions concerning the described categories are pointed out as original in defining the field of a science of behavior and capable of providing a coherent guide for establishing the boundaries between behavior analysis and physiology as independent and complementary disciplines.

Keywords: Radical behaviorism; behavior analysis; physiology; private events.

comportamento humano (cf. Skinner, 1990). Uma análise do debate sobre as relações entre análise do comportamento e fisiologia mostra também que a questão é polêmica, mesmo quando não se transita para o campo das teorias cognitivistas (cf. Tourinho, 1999).

O tema dos eventos privados está entre aqueles que assumem certa centralidade quando as relações entre análise do comportamento e fisiologia são discutidas, em parte devido à freqüente definição skinneriana de privado como evento interno. Tourinho (1997) aponta algumas dificuldades geradas por aquela definição, bem como sua insuficiência diante de princípios mais básicos que orientam a interpretação behaviorista radical para o comportamento humano complexo. Uma vez que a identificação do privado com o aparato anátomo-fisiológico se mostra problemática, especialmente porque pode favorecer novas versões de internalismo, interditando as análises tipicamente externalistas e relacionais que caracterizam o recorte de uma ciência do comportamento, mostra-se ainda necessário esclarecer como se organiza a referência à fisiologia numa interpretação behaviorista radical para os eventos privados.

Admitindo-se que as afirmações skinnerianas a respeito do assunto não são sempre consistentes (cf. Hayes, 1994; Reese, 1996a; Tourinho, 1997), não se pretende reiterar os problemas derivados da associação eventual entre privado e interno. O objetivo deste trabalho foi identificar, em textos do próprio Skinner sobre eventos privados, elementos para uma demarcação mais precisa das fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia. O estudo teve como base textos de Skinner (de 1945 a 1990) nos quais a problemática dos eventos privados é abordada. As referências à fisiologia foram categorizadas e analisadas em seis temas: as variáveis biológicas como constitutivas, mas não definidoras do fenômeno comportamental privado; a autonomia do recorte analítico-comportamental diante dos fatos biológicos/

Variáveis Biológicas como Constituintes e Definidoras do Fenômeno Comportamental

Uma ciência comportamental iniciada com o intuito de explicar que as condições biológicas de um organismo são requisitos para processos comportamentais, em que se está falando de comportamento de organismos; tais variáveis são constitutivas do fenômeno comportamental, seja ele público ou privado. Mas ainda há as possibilidades de ação do ambiente que afetam as respostas do organismo. Mas ainda é necessária a eventual necessidade de referência à fisiologia nas explicações providas por uma ciência do comportamento.

A especificação do *status* de comportamental em explicações comportamentais é inviolável. Um esforço para esclarecer em que medida o comportamento pode ater-se às relações entre organismo-como-um-todo/eventos-que-lhe-são-externos (Reese, 1996a; 1996b). Quando o tema dos eventos privados é o cerne do debate, o conceito de ambiente sugere a participação de eventos internos. A própria definição do fenômeno comportamental está discutindo o alcance do conceito de ambiente. Portanto, que Skinner (e.g. 1953/1969) nas primeiras indicações sobre como equacionar as variáveis biológicas (doravante, seremos chamadas de variáveis fisiológicas por ser o problema).

O ambiente é definido como eventos que são capazes de afetar o organismo. Skinner (1953/1969) aponta que parte desse universo está dentro do organismo (isto é, condições anátomo-fisiológicas) e constitui o ambiente de um organismo. Há dois aspectos: a) um conjunto de eventos que se torna-se ambiente quando se faz referência ao organismo, a partir da interação deste com o mundo de reforçamento que lhe são externas; b) o fato de que afeta o organismo e não parte dele. O ambiente é definido como o conjunto de

fenômeno comportamental (isto é, enquanto relação), não é identificada com nenhuma alteração fisiológica específica, embora uma tal alteração possa ser constitutiva de uma relação à qual se denomina “dor”. “[Estímulos dolorosos] não são a mesma coisa que a ‘experiência de dor’” (Skinner, 1963/1969, p. 243); sequer são propriamente “estímulos” à parte da relação denominada experiência de dor. Afirmar correlatas podem ser feitas com respeito a relações comportamentais que envolvem elementos do mundo físico. A experiência de umidade não é a mesma coisa que umidade; esta sequer existe enquanto estímulo até que participe de relações comportamentais, isto é, até que o organismo se comporte discriminativamente com respeito a ela.

Os processos através dos quais as variáveis fisiológicas vêm a participar de relações comportamentais delimitam o alcance de explicações nelas baseadas. Em qualquer circunstância, as relações admitidas como propriamente comportamentais são aquelas das quais participa o organismo como um todo; um evento interno controla respostas discriminativas do organismo como um todo. A referência a eventos internos sob a forma de especificação do comportamento de partes do organismo ainda não corresponde a explicações comportamentais. Por exemplo, ao identificar a adoção de explicações neurofisiológicas pelo cognitivismo, Skinner (1990) comenta que “o cérebro é parte do corpo e o que ele faz é parte do que o corpo faz. O que o cérebro faz é parte do que deve ser explicado” (p.1206). Adiante, este tema será retomado, considerando-se especificamente o caso dos comportamentos privados.

Parte significativa da argumentação de Skinner sobre relações comportamentais que envolvem componentes internos consiste na crítica ao mentalismo e à teoria da cópia, segundo a qual o organismo armazena e consulta reproduções internas (mentais) do mundo a sua volta (e.g. Skinner, 1953/1965, 1963/1969). É através da discussão do conceito de sentimento, porém, e de suas

pedra (estímulo/propriedade a contração de um músculo um evento privado). É freqüente de sentir” e “coisa sentida”, que a discriminação de estímulos p sentida é uma condição corp história ambiental do indivíduo especificação pertence ao c fisiologia (Skinner, 1974) comportamento cumpre exp dos quais respostas discriminat tornam-se possíveis.

Três sistemas nervosos s (1974) como requeridos para com o ambiente, inclusive su sistema interoceptivo (através em contato com estimulaçõe digestivo, respiratório e c proprioceptivo (através do c contato com estimulações de etc., particularmente envolv posição e movimento d exteroceptivo (através do q contato com estimulaçõe circundante). Os estímulos através daqueles syster correspondentemente, est proprioceptivos e exterocept sente algo interno, segund discriminativamente a est proprioceptivos. “Dentre as sentidas, há os estímulos propr ... Também sentimos o com comportamento muito fra precedem ou estão associad (Skinner, 1963/1969, pp. 255-2 pode basear-se nesta inter “respostas reflexas auto

comportamentais privados, portanto, de modo semelhante ao que ocorre com processos comportamentais considerados públicos, é justificada a indicação de condições fisiológicas que possibilitam o fenômeno, ao mesmo tempo em que é necessário distinguir tais condições das relações comportamentais propriamente ditas.

Autonomia do Recorte Analítico-Comportamental diante dos Fatos Biológicos/Fisiológicos

Se relações comportamentais não se confundem com fatos ou relações ao nível anátomo-fisiológico, justifica-se que o analista do comportamento, ao lidar com o fenômeno comportamental, limite sua análise à relação organismo-meio, na expectativa de que as ciências biológicas especifiquem algumas das condições que tornam aquelas relações possíveis. Uma explicação comportamental, reconhece Skinner (1987), apresenta lacunas, na medida em que “estímulos e respostas estão separados no tempo e no espaço” (p.782) e tais lacunas só podem ser preenchidas “com os instrumentos e métodos da fisiologia” (p.782). Entretanto, a referência ao que torna as relações comportamentais possíveis não é indispensável para que as relações sejam adequadamente identificadas ou produzidas.

Historicamente, algumas tentativas de promover novas explicações para os fatos comportamentais foram insuficientes, segundo Skinner (1987), para afastar a perspectiva internalista na Psicologia. Thorndike (ainda de acordo com Skinner, 1987), com sua lei do efeito, explicava a própria possibilidade das conseqüências do comportamento afetarem o organismo apelando para sentimentos internos de satisfação/insatisfação (Skinner, ao contrário, relacionou “o efeito fortalecedor de um reforçador operante ao seu valor de sobrevivência na seleção natural da espécie” em 1987, p.782).

O behaviorismo de Watson (1930/1970) buscou uma integração com a Fisiologia, na expectativa de substituição

informação adequada sobre o que está no interior do homem enquanto ele se comporta. Skinner tem o mesmo efeito de desviar a atenção para o externo” (p.195). Ao contrário destas situações, reconhecendo a existência de eventos privados, a ciência do comportamento procura explicar os fenômenos comportamentais, o afastar o organismo das contingências ambientais não se refere ao fato de que os eventos privados estão sendo considerados como mediadores fisiológicos do comportamento, mas como parte do próprio comportamento (Skinner, 1969, p. 228).

Não só a ênfase em processos mentais tende a afastar o psicólogo das relações entre o organismo e o ambiente, mas também os comportamentais. Segundo Skinner (1987), a discussão sobre a importância relativa da fisiologia na explicação do comportamento constitui uma digressão inoportuna” (p.224). Embora a filogênese como nível de seleção do organismo, Skinner (1990) insistirá no papel das condições de reforçamento na produção e seleção de comportamentos observadas de um organismo “independentemente de qualquer condição ambiental normal, um organismo variará entre a atividade e completa quietude, dependendo dos estímulos que tenha sido reforçado” (Skinner, 1971, p. 228).

Diferente do que ocorreu com Watson, Skinner não se distanciou da referência aos fatos fisiológicos para iniciar seu programa de pesquisas com o reflexo. O reflexo, como unidade de análise do comportamento, “não era algo que existia no organismo; era uma lei do comportamento” (Skinner, 1987, p.781). Mesmo as “terceiras condições” (“condicionamento”, “drive” e “emoção”) como necessárias para a especificação das regularidades do reflexo, eram localizadas no organismo” (Skinner, 1987, p.781), com as operações realizadas pelo experimentador

produzido por contingências de reforçamento. Neste caso, “aprendemos a perceber no sentido de que aprendemos a responder a coisas de modos particulares por causa das contingências das quais elas são parte” (Skinner, 1971, p.188). Novamente, tanto o mundo físico como estruturas orgânicas são requisitos para o fenômeno, mas não o definem, nem sua indicação permite a identificação das variáveis que podem de fato explicá-lo. “Não haveria, é claro, nenhuma percepção se não existisse um mundo para ser percebido, mas um mundo que exista não seria percebido se não houvesse contingências apropriadas” (Skinner, 1971, p.187).

Finalmente, se é possível falar de uma autonomia do recorte analítico-comportamental frente ao fatos anátomo-fisiológicos, isso não equivale a uma autonomia dos próprios fenômenos comportamentais frente aos fenômenos fisiológicos (ver, a propósito, Reese, 1996a). Os dois conjuntos de fenômenos, de um lado, são interdependentes; de outro, representam níveis diferentes de análise do comportamento dos organismos. Análise do comportamento e fisiologia estudam, cada uma, “parte do episódio comportamental” (Skinner, 1987, p. 782). Se são ciências independentes, são, ao mesmo tempo, ciências complementares. Do ponto de vista de uma Psicologia Comportamental, essa nova relação teria se instituído, segundo Skinner, com sua proposição do reflexo como unidade comportamental (cf. Skinner, 1931/1961).

Limites do Controle do Comportamento por Eventos Internos/Fisiológicos

A possibilidade de controle do comportamento por eventos internos/fisiológicos é usualmente examinada por Skinner como circunscrita por dois limites: as práticas reforçadoras de uma comunidade verbal e os sistemas nervosos que permitem o contato do indivíduo com as partes de seu próprio corpo.

Como o universo em geral, o universo privado, que

verbais, como descrições de pensamentos, atitudes, preferências, os quais as teorias psicológicas com base nos quais postulam o comportamento.

A dependência de contingências de respostas descritivas de eva impossibilidade do sujeito au discernir a ocorrência daquele ação da comunidade verbal, baseada numa inferência da limita o alcance de suas práticas de repertórios autodescritivos a comunidade infere a ocorrê significa mais propriamente a na observação de eventos pú quanto na manutenção de (Skinner, 1945, 1974). Os p limites da ação da comunida por Skinner nas diversas obra dos eventos privados. Consid texto, interessará apenas assina da dificuldade de acesso da eventos privados de um indiv reforçamento responsáveis p autodescritivas sempre esta publicamente observáveis, raz uma descrição de evento pri correspondência deste com os nos quais as respostas descriti mantidas (cf. Skinner, 1945, 1

Não apenas as prática comunidade verbal limitam as de repertórios autodescritivos. na incapacidade do indivíduo eventos internos e isso resulta nervos sensórios indo para as p (Skinner, 1989a, p.33). Voltan

combinação com estimulação *exteroceptiva* do ambiente circundante e nem sempre identificamos corretamente a fonte de estimulação” (Skinner, 1953/1965, pp.261-262). Uma eventual predominância de estímulos proprioceptivos ou interoceptivos no controle de respostas autodiscriminativas pode ser apenas momentânea e circunstancial, não representando uma autonomia de estímulos desta natureza no controle do comportamento. Diz Skinner (1974): “Estímulos proprioceptivos são dominantes quando uma pessoa descreve seu próprio comportamento no escuro, mas estão estreitamente relacionados com estímulos públicos usados pela comunidade verbal na instrução” (pp.25-26).

Quando Skinner (e.g. 1953/1965, 1974) aponta como limitadas as possibilidades de que eventos internos anátomo-fisiológicos controlem autonomamente respostas autodiscriminativas, o que está sendo indicada é a própria restrição dos sistemas nervosos que colocam o indivíduo em contato com o universo interno, em razão da qual estímulos interoceptivos e proprioceptivos podem controlar respostas autodescritivas apenas parcialmente e em associação com estímulos exteroceptivos. As práticas reforçadoras da comunidade verbal são uma tentativa de superar os limites da privacidade, possibilitando a autodescrição e o acesso público indireto aos eventos privados de um indivíduo, mas o componente inferencial envolvido no reforçamento daquelas respostas compromete a precisão da descrição.

O Comportamento Privado como Comportamento do Organismo como um Todo

Foi observado acima que, para Skinner, relações comportamentais são relações do organismo como um todo com o ambiente a sua volta. Não cabe, neste modelo analítico, ater-se ao comportamento de partes do organismo, ainda que relacionando-as a eventos ambientais, simplesmente porque se estaria diante de apenas uma parcela do que deve ser explicado por uma

comportamento encoberto sempre do organismo como um todo, residindo a sua explicação no limite de observabilidade pública.

O caráter encoberto de um comportamento, segundo Skinner (1968), função de reforçamentos dispostas no ambiente. O comportamento é originalmente apreendido em uma situação aberta (publicamente observável) e depois se torna encoberto como função de contingências específicas. Ao passar para o nível encoberto, a observabilidade do comportamento, no entanto, não sendo emitido pelo organismo como um todo.

As teorias mentalistas são apontadas por Skinner (1968) como responsáveis pelo funcionamento de partes do organismo em vez de uma explicação comportamental. Por exemplo, a cópia, na medida em que supõe a existência de reproduções internas do mundo, não é um comportamento de ver, terá que ser explicado pelo comportamento como executado pelo organismo, que consulta um conteúdo interno que qual não se confunde (cf. Skinner, 1968). No comportamento, ao contrário, o ver, público, é sempre um comportamento do organismo como um todo e o fato de ser emitido na ausência de estímulos significa apenas que uma vez aprendido, o comportamento pode ser emitido de forma encoberta, sem a presença dos estímulos que estavam presentes durante a aquisição da resposta (cf. Skinner, 1968).

O interesse pelo cérebro na explicação do comportamento também está associado à teoria da cópia e é apontado por Skinner como derivado da adesão do cognitivismo. A teoria da informação, de acordo com a qual o organismo internamente processa informações abstraidas do mundo, é o resultado deste processamento se com o organismo “processador” é o cérebro, e assim para

o pensar, o imaginar, etc. A proposição do comportamento encoberto como comportamento do organismo como um todo representa, portanto, mais um modo de defender um recorte de análise psicológico/comportamental, que não se confunde, em nenhum momento, com o domínio das ciências biológicas, embora possa ser complementado pelas informações geradas neste domínio.

A Distinção entre Localização, Acesso, Contato e Conhecimento

Pertence à tradição mentalista em psicologia a suposição de que cada indivíduo tem um mundo interior, com o qual cultiva uma relação única, que em certa medida é incomunicável e determinante de seus comportamentos. São os sentimentos experimentados internamente, os pensamentos secretos, etc., que não podem ser conhecidos em sua manifestação genuína por mais ninguém e que controlam o comportamento privado e público. Skinner (e.g. 1963/1969) não rejeita a existência deste mundo interno ou o modo particular como ele é experimentado por cada um, mas ao reconhecer que eventos anátomo-fisiológicos podem participar de relações comportamentais, não apenas contraria a tradição mentalista, apontando que tudo que o indivíduo sente é o seu próprio corpo, como também questiona a própria possibilidade de conhecimento privilegiado do que se passa no interior de cada um.

Para questionar o caráter privilegiado do autoconhecimento, Skinner (e.g. 1945, 1953/1965, 1963/1969, 1974) discute, em diferentes momentos, quatro aspectos da participação de eventos internos em relações comportamentais: a localização, o contato, a acessibilidade e o conhecimento. Uma confusão entre estes aspectos tem propiciado a propagação de postulados internalistas acerca do comportamento humano.

Continuando com a problemática específica dos eventos anátomo-fisiológicos, pode-se dizer que alguns

o contato do próprio indivíduo, no sentido de que a diferente daquela provida pelo estabelecer com o mesmo evento “estímulos proprioceptivos de certa intimidade” (Skinner, 1969, p. 225), um “contato íntimo” (Skinner, 1969, p. 22), mas isso significa apenas o não pode ser a mesma para “ninguém mais pode estabelecer com [um dente inflamado]” (Skinner, 1969, p. 225) que o próprio sujeito estabelecer de privacidade significará, para cada indivíduo “está sujeito de estimulação interoceptiva” (Skinner, 1969, p. 22).

Reconhecido o caráter íntimo (tipo de contato) de certas fisiológicas, as estimulações proprioceptivas, a isso não o conhecimento privilegiado anteriormente, o sujeito depende para a aquisição e manutenção de respostas autodiscriminativas.

O conceito de acessibilidade à localização, mas à possibilidade de respostas discriminativas. Como uma resposta discriminativa é apropriada para a definição de um evento, como um estímulo com respeito aos condicionados, por seu turno, as respostas discriminativas são condicionadas. Estímulos proprioceptivos são privados de uma restrição, como decorrência, “não a estímulos deste tipo em condições exteroceptivas do ambiente circundante” (Skinner, 1969, p. 225).

possível daqueles eventos. Como afirma Skinner, a intimidade dos estímulos interoceptivos e proprioceptivos “não significa que possam ser conhecidos mais facilmente ou mais diretamente” (Skinner, 1963/1969, p. 230). Na medida em que o conhecimento daqueles eventos dependerá de contingências sociais, e que estas terão como base estímulos exteroceptivos, o conhecimento dos eventos privados será indireto e impreciso.

Skinner (1989a) não ignora a importância que a cultura passa a atribuir à observação e discriminação de eventos internos. Esta valorização é parcialmente justificada pelo caráter informativo dos relatos autodescritivos sobre probabilidade de comportamento futuro do sujeito. De todo modo, essas autodiscriminações são um produto cultural e compõem o que Skinner (1989a) denominará de *self*. Para ele, filogênese, ontogênese e cultura produzem, respectivamente, o organismo, a pessoa e o *self*. “Uma pessoa, enquanto repertório de comportamento, pode ser observada por outros; o *self*, como conjunto de estados internos que acompanham só é observado através do sentimento e da introspecção” (Skinner, 1989a, p. 28).

Com a distinção entre localização, contato, acesso e conhecimento, Skinner compatibiliza um reconhecimento da natureza especial do contato que o indivíduo estabelece com seu próprio corpo com a explicação do porquê este contato não corresponde a um conhecimento privilegiado, mas, ao contrário, a restrições ao autoconhecimento. Esta postura é inteiramente original na psicologia e inverte a lógica que justificava alguns postulados mentalistas, como a proposição de uma base interna e mais precisa para respostas autodescritivas frente a descrições de terceiros (o tradicional problema de asserções na primeira e na terceira pessoas). Da perspectiva skinneriana, por mais estranho que pareça, “é a comunidade que ensina o indivíduo a conhecer-se” (Skinner, 1953/1965, p. 261), ainda que cada um tenha de fato uma relação especial com o que lhe ocorre internamente.

adicionalmente a possibilidade de, em a análise do comportamento confinar-se a análise relacional. A questão é polêmica, prova-se atravessada por problemas diversos: o efeito de restrições anátomo-fisiológicas determinadas, as mudanças nas contingências produzidas por processos de efeitos imediatos de alterações fisiológicas de história ambiental, etc.), que não podem ser organizados num sistema interpretativo compatível com práticas culturais fortes (por exemplo, tratamento farmacológico de “doenças mentais”, diagnóstico clínico orientado pela classificação por síndrome, etc.). Ainda ao falar de autonomia do recorte analítico em situação aplicada, o que Skinner faz é exatamente a intervenção clínica. Em um sentido (Skinner, 1988/1989b), tanto o interno quanto o fisiológico são rejeitados como análise e intervenção do terapeuta com o cliente.

Skinner (1988/1989b) fala da psicologia clínica de caráter internalista comportamental como modelo de intervenção em supostos analítico-comportamentais freqüentemente preocupado-se com “ansiedade, medo, raiva e coisas do tipo”. Os terapeutas comportamentais se voltam para o ambiente. Isso ocorre porque, para o comportamento, “o comportamento causado por contingências de problemas e não por sentimentos ou problemas e nós podemos corrigir corrigindo as contingências.” (p. 74)

Uma vez que o sentimento seja idêntico à condição anátomo-fisiológica que produz as relações comportamentais, é preciso que se trata de um produto da história ambiental, tanto quanto o comportamento que produz o sentimento.

intervenção próprios da análise do comportamento, pode prescindir da referência àqueles eventos e daquele nível de análise do fenômeno comportamental. A suposição contrária, de que os métodos analítico-comportamentais são menos seguros, pode levar à adesão ao recorte internalista e não se justifica. “Os terapeutas comportamentais podem também se voltar para a fisiologia se não confiam em seus próprios métodos, mas seus métodos são tão objetivos quanto os da fisiologia.” (p.82)

Tanto o internalismo mentalista quanto o fisiológico são reproduzidos no contexto de práticas culturais importantes e certamente não está ao alcance de um terapeuta comportamental promover a superação de tais práticas, mas aderir a elas corresponde a deixar de investigar e intervir com respeito às relações comportamentais propriamente ditas. Diz Skinner (1988/1989b):

“Não se pode brigar com a escolha da ciência médica como campo profissional, ou mesmo com os filósofos que pretendem examinar suas mentes através da introspecção, mas *para cada terapeuta comportamental que, após descobrir um fato sobre o comportamento, procura uma explicação fisiológica, há um terapeuta a menos para estudar mais o próprio comportamento.*” (p.82, grifo dos autores)

Considerações Finais

A definição das condições de independência e complementaridade entre análise do comportamento e fisiologia tem se mostrado um assunto polêmico na literatura behaviorista radical e parece demandar, para ser equacionada, uma elaboração teórica consistente, como também (e, talvez, principalmente) pesquisa empírica sistemática, especialmente na área de aplicação clínica, onde o modelo analítico-comportamental apenas recentemente começou a ser explorado com maior intensidade (e onde as práticas culturais – também – favorecem fortemente recortes internalistas). É possível

comportamental privado, n relação; b) estímulos interocep controlam autonomamente re descrições do funcionamento não são descrições compor contato, acesso e conheciment diversos da relação organi privado; e) no caso da estin proprioceptiva, a natureza d associada a restrições no *ac conhecimento*; f) o recorte analí aos fatos anátomo-fisiológico enquanto campo de investi também enquanto limite de in

O quadro definido acima uma contribuição original ao de estabelecer o domínio o comportamental frente a ciência pode interagir proveitosamen para os problemas humano necessita afirmar seu recorte análise. Representa, também possível das proposições skir que pode ser argumentada proposição de comportament diz respeito à relação do organ eventos ambientais que lhe são

Referên

- Baer, D. (1996). On the invulnerabil biological research. *The Behavior Analyst*, 19, 7-14.
- Bullock, D. (1996). Toward a reconstruction of behaviorism: A response to Reese. *The Behavior Analyst*, 19, 7-14.
- Donahoe, J. W. (1996). On the relation of behavior to biology. *The Behavior Analyst*, 19, 7-14.
- Donahoe, J. W. & Palmer, D. C. (1994). *Behavioral Analysis: A Practical Approach*. London: Allyn and Bacon.
- Flora, S. R. & Kestner, J. (1995). Cognitive-behavioral causes of behavior: Are they ever initiating causes of behavior? *Record*, 45, 577-589.

- Reese, H. W. (1996b). Response to commentaries. *The Behavior Analyst*, 19, 85-88.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52, 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1961). The concept of the reflex in the description of behavior. Em B. F. Skinner (Org.), *Cumulative Record - Enlarged Edition* (pp. 319-346). New York: Appleton-Century-Crofts. (Original publicado em 1931)
- Skinner, B. F. (1965). Private events in a natural science. Em B. F. Skinner (Org.), *Science and human behavior* (pp. 257-282). New York/London: Free Press/Collier MacMillan. (Original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1968). Teaching thinking. Em B. F. Skinner (Org.), *The technology of teaching* (pp.115-144). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). Behaviorism at fifty. Em B. F. Skinner (Org.), *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 221-268). New York: Appleton-Century-Crofts. (Original publicado em 1963)
- Skinner, B. F. (1971). What is man. Em B. F. Skinner (Org.), *Beyond freedom and dignity* (pp.184-215). New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1974). The world within the skin. Em B. F. Skinner (Org.), *About behaviorism* (pp.21-32). New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1985). Cognitive Science and Behaviorism. *British Journal of Psychology*, 76, 291-301.
- Skinner, B. F. (1987). Whatever happened to psychology as the science of behavior? *American Psychologist*, 42, 780-786.
- Skinner, B. F. (1989a). The initiating self. Em B. F. Skinner (Org.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 27-33). Columbus, Ohio: Merrill.
- Skinner, B. F. (1989b). The operant side of behavior. Em B. F. Skinner (Org.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 34-44). Columbus, Ohio: Merrill. (Original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1989c) The origins of cognitive theory. *American Psychologist*, 44, 13-18.
- Skinner, B. F. (1989d). The place of feeling in the analysis of behavior. Em B. F. Skinner (Org.), *Recent issues in the analysis of behavior* (pp. 45-55). Columbus, Ohio: Merrill.
- Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science? *Psychologist*, 45, 1206-1210.
- Stemmer, N. (1995). Explanatory and predictive roles of behaviorism: a reply to Overskeid. *Psychological Record*, 45, 349-359.
- Tourinho, E. Z. (1999). Consequências do extermínio da psicologia radical. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 107-115.
- Tourinho, E. Z. (1997). Evento privado: Função e importância da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13, 203-209.
- Watson, J. B. (1970) *Behaviorism*. New York: Norton. (Original publicado em 1930)

Sobre os autores:

Emmanuel Zagury Tourinho é Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Bolsista do CNPq e Docente do Departamento de Psicologia Experimental e do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará.

Eveny da Rocha Teixeira é graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Pará e Bolsista de Iniciação Científica no Programa PIBIC/CNPq.

Josiane Miranda Maciel é graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Pará e Bolsista de Iniciação Científica no Programa PIBIC/CNPq.